

O ancião narrador: tédio e experiência na constelação Terena

The narrator ancient: tedium and experience in the Terena constellation

DOI:10.34117/bjdv8n6-112

Recebimento dos originais: 21/04/2022

Aceitação para publicação: 31/05/2022

Lidnei Ventura

Doutor em Educação

Instituição: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Educação a Distância

Endereço: Av. Me, Benvenuta, 2007, Itacorubi, Florianópolis – SC, Brasil

E-mail: llventura@gmail.com

Paulo Vilarim

Doutorando em História de Ciência e Educação Científica

Instituição: Universidade de Coimbra, Centro de Física da Universidade de Coimbra

Endereço: Rua Dom Francisco Lemos, CEP: 3030-789, Coimbra - Portugal

E-mail: paulo.vilarim@ifms.edu.br

RESUMO

O presente trabalho toma o ancião da etnia Terena, do Mato Grosso do Sul, como o protótipo do narrador clássico, viajante da aldeia e do tempo, cujo papel na coletividade é de represar experiências ancestrais do seu povo, conservá-las e transmiti-las às novas gerações. Baseados em fragmentos de narrativas de professores de escolas indígenas Terena, coletadas por um dos pesquisadores no curso de sua investigação de doutorado, o objetivo é de refletir, a partir da hermenêutica fragmentária benjaminiana, sobre o papel fundamental ocupado pelo ancião Terena na conservação da narratividade arcaica, aportado em pelo menos três características principais do narrador clássico estudado por Walter Benjamin: senso prático, autoridade na preservação da tradição e guardião da memória e da sabedoria ancestral. O instrumental metodológico parte da hermenêutica fragmentária de Benjamin, que leva o pesquisador a um processo de montagem, uma junção de retalhos de histórias para a construção de imagens de pensamento que reflitam monadologicamente o objeto estudado.

Palavras-chave: narração, ancião Terena, hermenêutica benjaminiana.

ABSTRACT

The present work takes the ancient of the Terena ethnic group, from Mato Grosso do Sul, as the prototype of the classic narrator, a traveler of the village and of time, whose role in the collectivity is to repress ancestral experiences of his people, conserve them and transmit them to the new generations. Based on fragments of narratives by teachers from Terena indigenous schools, collected by one of the researchers in the course of his doctoral research, the objective is to reflect, based on Benjamin's fragmentary hermeneutics, on the fundamental role played by the Terena ancient in the conservation of narrativity archaic, bringing at least three main characteristics of the classic narrator studied by Walter Benjamin: practical sense, authority in the preservation of tradition and guardian of memory and ancestral wisdom. The methodological instrument starts from

Benjamin's fragmentary hermeneutics, which leads the researcher to an assembly process, a junction of scraps of stories for the construction of images of thought that monadologically reflect the object studied.

Keyword: narration, ancient Terena, benjaminian hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

O narrador – por mais familiar que nos soe esse nome – não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva. (BENJAMIN, 2012, p. 213)

Em 1933, Walter Benjamin (WB) escreveu um breve texto que não imaginaria ter no futuro tamanho prestígio e influência: *Erfahrung und Armut* [“Experiência e pobreza”]. Nesse pequeno datilográfico, com apenas seis páginas na edição *Gesammelte Schriften*, organizada por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, em 1977, o autor reflete sobre a perda da experiência na modernidade, que cada vez mais cede espaço para vivências [*Erlebnis*] baseadas no silenciamento da narração em função das fricções cada vez mais velozes e violentas do cotidiano. Ainda segundo Benjamin, a vida moderna produz choques em demasia, sem que haja tempo para o devido processamento psicológico, desencadeando tanto recalques quanto anestesia sensorial por overdose de estímulos. O autor nos remete não somente aos casos individuais, mas principalmente coletivos, de uma cultura da perda da narração e do silenciamento enquanto *modus operandi* de uma era de homens e mulheres, “pessoas sem qualidades”, sem tempo e oportunidade de desenvolver seus atributos, como o protagonista Ulrich, da obra magistral de Musil.

O clássico exemplo de Benjamin da perda da experiência é o dos combatentes que voltavam do front da primeira guerra silenciados, devastados e incapazes de narrar o ocorrido: “Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 2012, p.213). A anti-experiência da guerra, embora devastadora, considerando-se a barbárie das inovações técnicas de matar outros seres humanos, se repetiria poucos anos mais tarde, alargando as potências das máquinas de extermínio humano, desde Auschwitz a Iroshima e Nagasaki.

Em 1936, três anos mais tarde, WB retomaria suas reflexões no magistral ensaio *Der Erzähler Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows* [“O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”], reiterando a ideia de que a faculdade narrativa estaria

em extinção, assim como a comunicabilidade da experiência. Entretanto, apesar da constatação melancólica da sua retração, pode-se entrever em *O narrador* que a faculdade de narrar retorna frequentemente na história, sendo reeditada por novos narradores que encontram meios de intercambiar experiências ancestrais e modernas, como o *Homem da Multidão*, de Poe, a *Recheche*, de Proust, o *Ulisses*, de Joyce, ou na obra geral de Kafka.

É neste viés de ruptura e fragmentação da narrativa que as ideias de WB atravessam as reflexões desse artigo, que toma o ancião da etnia Terena, do Mato Grosso do Sul, como o protótipo do narrador clássico, viajante da aldeia e do tempo, cujo papel na coletividade é de represar experiências ancestrais do seu povo, conservá-las e transmiti-las às novas gerações.

Baseados em fragmentos de narrativas de professores de escolas indígenas Terena, coletadas por um dos pesquisadores no curso de sua pesquisa de doutorado, o objetivo é de refletir, a partir da hermenêutica fragmentária benjaminiana, sobre o papel fundamental ocupado pelo ancião Terena na conservação da narratividade arcaica, aportado em pelo menos três características principais do narrador clássico de WB: senso prático, autoridade na preservação da tradição e guardião da memória e da sabedoria. Essas características, de imbricações mútuas, permitem ao ancião Terena atuar como o *Angelus Novus* das *Teses Sobre o Conceito da História (Teses)*, de WB, cujo compromisso ético-histórico é de revolver os escombros da tempestade do “progresso” e encontrar as vozes silenciadas do seu povo oprimidas por mais de meio milênio de invasão portuguesa.

2 O LUGAR DO VELHO EM *DER ERZÄHLER*

O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. (BENJAMIN, 2012, p. 240)

Em oposição ao descaso e desconsideração sob relações capitalistas de produção, cujo desprezo é patente, no ensaio de WB o velho goza de grande prestígio enquanto guardião da memória e da cultura de uma coletividade. Não é por acaso que sua escolha recaia sobre o escritor russo Nicolai Leskov, senão por sua representatividade de escriba de remotas comunidades do interior da Rússia. Leskov foi representante comercial de uma firma inglesa e viajou pelos rincões da Rússia czarista e coletou tradições, saberes e experiências dos camponeses, tornando-se, por assim dizer, um narrador arcaico. É partir dele que WB elabora uma original e profunda teoria da narração enquanto intercâmbio

intergeracional de experiências, em franca oposição ao *status* solipsista do romance moderno.

O conceito de experiência [*Erfahrung*], ressignificado por WB em *O narrador*, está etimológica e semanticamente atrelado à viagem. A palavra alemã *Erfahrung* [experiência] tem origem no verbo *Fahren*, que está ligado a uma travessia, uma viagem, ou seja, a experiência é algo que se acumula a partir dos conhecimentos daqueles que viajam, que vêm de longe, no tempo e no espaço. Tanto é que o narrador clássico benjaminiano é o marinheiro ou velho camponês, ambos viajantes ao seu modo, “como alguém que vem de longe” (BENJAMIN, 2012, p.214).

O que reveste uma narrativa de autoridade é o substrato das experiências acumuladas, a vida vivida. Vem daí a importância que Benjamin atribui ao moribundo, justamente porque ele já completou a trajetória de uma vida inteira e, ainda assim, nos momentos finais, adentra o limiar da morte para deixar derradeiros conselhos aos vivos. Na atualidade, como lembra WB, ninguém se atreve a dar conselhos e, muito menos, a receber. Isso porque há um retrocesso na comunicabilidade da experiência, que passa de geração a geração, maturada pelo tempo e pelo tédio de uma vida vivida de acordo com o tempo natural e não com o tempo cronológico; tempo de mais ou menos, impreciso e intercambiado a outras temporalidades, e não um “tempo vazio e homogêneo”. As máximas de aconselhamento que (re)surgem nas narrativas estão sempre à espreita [um tempo de agora, *Kairós*], pois são retiradas estrategicamente de um tempo de espera [Cronos] para se converter taticamente em um tempo em que Cronos traz de volta o *Kairós*, a fim de ecoarem como práticas milenares de burlas de contingências históricas de superação improvável, mas latente.

Com a brevidade do tempo na modernidade, vai-se também a memória e, com ela, a história. Esvai-se a “comunidade de ouvintes” e emerge a “massa”, sem referência de si mesma e perdida na avalanche das informações. Já o velho narrador, nada informa, nada impõe aos ouvintes, a não ser sua autoridade que advém da sabedoria colhida nas suas viagens espaço-temporais, sua matéria-prima. Todavia, ele não conta histórias como realmente aconteceram, com enredo linear ou coesão comprovada; ao contrário, alimenta sua narrativa com um “ouvi dizer”, “me contaram assim”, “se bem me lembro”. Quem dá sentido à narrativa não é ele próprio, mas o ouvinte; este sim é o depositário da narrativa e seu continuador.

O velho em *Der Erzähler* ocupa um lugar privilegiado de anamnese, de trazer à memória as histórias perdidas nas areias do tempo; não a história com H maiúsculo, mas

aquelas colhidas no seio da vida comunitária, na distensão dos acontecimentos significados pela coletividade, sempre atravessadas pelo esquecimento. O velho narrador apresenta-se como o guardião da memória, aquele que represa em si o peso da tradição, resguardando a história da morte pelo esquecimento. Ao mesmo tempo, ele precisa cativar os ouvintes para que se tornem narradores, pois sabe que quando não estiver mais entre eles, as narrativas serão lembradas.

No ensaio de Benjamin, o velho guarda um *ethos* oracular, aquele que descortina o véu das lembranças para atualizar o passado e ressignificá-lo no presente. Sua sabedoria está sempre apontando, como Janus bifronte, para os portais limiares entre o pretérito e o atual, entre o esquecido e o lembrado, entre o que foi e o que pode ser. As alegorias que entram em cena atravessam os tempos, sempre carecendo de novas significações. Para lembrar, a palavra alegoria, de origem grega, se refere tanto a outro [*allos* - *αλλος*] discurso quanto ao outro do discurso [*agoreuein* - *αγορευειν*]. Esse é um dos sentidos que podemos intuir da concepção benjaminiana da narrativa do ancião, palavra que guarda em si o sentido latino respeitoso de “antianus”, aquele que se confronta com os anos, com o tempo, com a vida e, portanto, tem outras palavras, outros sentidos, outras histórias para contar. Curiosa também é origem do adjetivo **velho**, que vem do latim clássico *vetulus*, que tem origem ainda mais arcaica no indo-europeu *wet* [ano], cujo significado é derivado da colheita do ano anterior - opondo-se a ela -, vindo a se referir genericamente pelo uso comum a tudo o que *vier antes*, antigo. Ao mesmo tempo, o que vem antes atualiza o passado, ou como diz Benjamin, redime-o da morte pelo esquecimento.

Como se pode ver, essa é uma concepção muito diferente da atual que se tem do ancião. Por decorrência de uma visão utilitária do corpo e da mente, tudo o que é velho está sujeito à descartabilidade atualmente. Cada vez mais novas as coisas estão ficando velhas, porque superadas brevemente para maior fluidez da mercadoria. Nessa lógica, tanto o corpo quanto o sujeito são concebidos como mercadoria, cuja produtividade tem data de validade. São sintomáticas as palavras relativas àquele que já não é mais “útil” para o sistema, o aposentado: reformado [na prática, sim, pois o desgaste é tão grande que o sujeito precisa de “reforma”] e inativo [ou seja, aquele que carece de atividade]. A ética e a cultura do trabalho, enquanto exploração privada das forças vitais, acabou por excluir o velho dos cânones importantes da modernidade, relegando-o ao ostracismo e associando-o a tudo o que é decrépito. Logo, o velho, como sujeito, também carece de importância social. Assim como o soldado que voltou da guerra, o aposentado do trabalho alienado é alguém que volta do front silenciado, sem experiências comunicáveis. É

provável que venha desse *Zeitgeist* [espírito do tempo] a afirmação de Benjamin (2012, p. 213): “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”.

São muitas as interpretações acerca da melancolia contida no ensaio de WB, alternando-se em visões mais ou menos pessimistas. Entretanto, como dissemos antes, pode-se encontrar nele um vislumbre não melancólico que diz respeito ao poder de transmutação da narrativa, isto é, na medida em que as condições históricas foram se transformando, as musas se encarregam de encontrar outros meios de expressão narrativa, de modo a resguardar as reminiscências. Assim, a narrativa ancestral oral (poesia épica) adquiriu nova forma, refugiando-se na escrita, cuja simbologia imemorial resguardou para sempre o dom de contar histórias. Mesmo perdendo seu viés coletivo, o romance moderno protege a narrativa do seu ocaso, ressurgindo pelas mãos de narradores que geralmente pedem inspiração às musas na abertura dos seus escritos, tais como Homero, Hesíodo e Camões, para contar histórias que atravessaram os tempos mantendo o seu rumor, tornando-se por isso, clássicos universais. Como disse Calvino (1993, p. 10): “Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs”.

Essa é a contextualização de fundo teórico que orienta a investigação dos talismãs Terena, seus anciões narradores, cujo intuito é triangular narrativas de professores de algumas escolas indígenas visitadas sobre a função narrativa arcaica dos chamados *Troncos Velhos* com base nos arquétipos do narrador benjaminiano. Mas, antes, passamos a algumas notas sobre a forma de mobilizar a constelação benjaminiana das narrativas.

3 BREVES NOTAS SOBRE O MODO DE OPERAR COM NARRATIVAS NUMA ABORDAGEM BENJAMINIANA

Ser dialético significa ter o vento da história nas velas. As velas são os conceitos. Porém, não basta dispor das velas. O decisivo é a arte de posicioná-las. (BENJAMIN, 2007, p. 515)

A maneira de se operar com narrativas, a partir da hermenêutica fragmentária de WB (VENTURA, 2019), não se enquadra nas tradicionais formas de análise frasal, categorizações e análise de conteúdo. Isso porque tais formas demandam procedimentos indutivos e dedutivos próprios de uma lógica que Benjamin (2016) chamou de *more*

geométrico [modo geométrico], cuja busca é pelo esgotamento explicativo da narrativa. Em sentido diametralmente oposto, para o autor berlinense, o método de interpretação dos fenômenos deveria seguir um caminho de desvio, de rastros, de escavação de sedimentos de sentido há muito soterrados. Disse ele: “Methode ist umweg. Darstellung als umweg” [“Método é desvio. Representação como um desvio”] (BENJAMIN, 2016, p. 31). Isso porque o fenômeno é sempre uma montagem, uma junção de retalhos de histórias, uma construção de imagens, sempre fugidias. Daí o seu interesse por imagens de pensamento [*Bilddenken*] ou do pensamento como imagem. Mas as imagens, como sabemos, escapam-nos o tempo inteiro; e tanto mais fogem quanto mais tentamos apanhá-la nas redes do procedimento lógico-formal “que tenta capturar a verdade numa teia de aranha estendida entre várias formas de conhecimento, como se ela voasse de fora para cair aí” (BENJAMIN, 2012, p.16). Essa concepção está ligada a um procedimento epistemológico que valoriza a montagem pictográfica de fragmentos que, colados em mosaico, fazem reluzir uma imagem que, como disse o autor, “passam voando” (BENJAMIN, 2012, p. 19), pois “o conhecimento existe apenas em lampejos” (BENJAMIN, 2007, p. 499).

Ainda segundo Benjamin, onde quer que se lide com a história [e as histórias] há que se considerar tanto o movimento quanto a sua cesura. Como vimos, o pensamento se dá a conhecer por meio da imagem [*Bilddenken*], portanto, o conhecimento é a imagem do objeto que é imobilizada, fotografada, pelo sujeito observador. Entra em cena aqui, na composição estelar benjaminiana, outro astro importante: a mônada. Sobre isso, diz ele:

Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. (BENJAMIN, 2012, p. 2012, p. 251)

Em vários trabalhos Benjamin se refere à mônada, conceito filosófico do filósofo alemão Leibniz, ressignificado por ele. Esse “arcano” é recorrente em seus trabalhos desde o estudo do drama trágico alemão [*Trauespiels*] aos últimos escritos das *Teses*. Benjamin mobilizou a monadologia até seus últimos dias de vida, transformando-a em uma operação cognitiva e ontológica para interpretação dos fenômenos a serem estudados. Na mônada, segundo ele, está contido o micro e o macro do fenômeno, em relação dialética [“dialética da imobilidade” (BENJAMIN, 2007, p. 505)]. Não há precedência da totalidade ou do mero rastro, pois há uma relação de impregnação dialética

entre essas duas imagens fenomênicas de apresentação da ideia. A tarefa do pesquisador, sob esse entendimento, é de “[...] erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2007, p. 502).

Eis o que pretendemos, na tentativa de operar com a hermenêutica benjaminiana: esboçar uma imagem do relevante papel do ancião Terena na preservação e continuidade das memórias do seu povo [“o cristal do acontecimento total”] a partir de fragmentos [“elementos minúsculos”] das narrativas de professores de escolas indígenas Terena.

4 PROFESSORES DE ESCOLAS INDÍGENA: O ANCIÃO COMO NARRADOR E GUARDIÃO DA MEMÓRIA TERENA

A rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde a musa épica no sentido mais amplo. (BENJAMIN, 2012, p. 228)

Os dados de pesquisa aqui apresentados e analisados a partir da hermenêutica benjaminiana, são parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga como os professores indígenas Terena utilizam os conhecimentos tradicionais, o papel importante dos anciões na sua transmissão, e como ocorre a transposição para o currículo ocidentalizado.

A coleta das narrativas dos professores foi realizada em 2021, em meio as andanças e travessias de um dos pesquisadores por seis comunidades Terena, no estado do Mato Grosso do Sul (MS), sendo entrevistados trinta e um (31) docente de escolas municipais e estaduais indígenas. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas e posteriormente transcritas, preservando-se a linguagem oral dialetal dos entrevistados [em português Terena, devido à imposição colonial da Língua Portuguesa a essa etnia], pelas quais se pretende construir um caleidoscópio de tributos aos anciões narradores do povo Terena.

Das grandes narrativas (entrevistas) serão extraídos dois pequenos relatos, organizados na forma de mônadas, cuja função é fazer brilhar, como disse Benjamin, o acontecimento total, o “rumor” exemplar da atuação dos narradores Terena e sua influência para recuperação da sabedoria ancestral do risco de extinção em um momento de perigo. Pois é disso que se trata, já que a modernidade autodevoradora a tudo quer subsumir a sua imagem e semelhança. Como lembra Benjamin (2012, p. 243) nas *Teses*:

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem”.

Selecionamos duas mônadas para caracterizar o papel do velho narrador Terena nas oportunas e necessárias articulações e apropriações do passado e do presente da história do seu povo, escovando a história a contrapelo e preservando sua memória e identidade. A primeira mônada se chama “Cubicá” e a segunda, “Os ovos da experiência”. Vamos a elas.

Cubicá

E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Benjamin, 2012, p. 244)

[...] no antigamente, meu avô que é o patrono dessa escola Armando Gabriel. É só ele que ia fazer o cálculo, ele não falava de área, calcular área. Por exemplo de uma determinada lavoura, ele fala. Não sei se na sua cultura é isso daqui... mas eles falava a palavra “Cubicá”! Já ouviu falar? “Cubicá”! Esse daí, por exemplo, eu tenho uma terra ali. Aí ele chegava no meu avô Armando Gabriel e falava, eles falava: -Tio Armando. Eles falava assim: - Eu quero que tu faz para mim é “Cubicá” essa área. Então não usava o cálculo da área como nós matemática hoje sabemos, né. Então essa relação a gente traz pros nossos alunos. Por exemplo, uma palavra que era usada no passado como essa palavra “Cubicá”, né. Eu não sei da onde que saiu essa palavra, não sei também a gente pode pesquisar mais fundo com os nosso, nossos ancestrais. Mas essa palavra aí a gente já sabia que era cálculo de área. Interessante que ele tinha um jeito de fazer esse cálculo de área. Mas eu, depois eu fui entendendo com ele, que é esse “Cubicá” a área. Era fazer o cálculo das áreas. E a gente sempre aplica com isso na sala de aula né! Os antigos faziam desse, esse tipo de cálculo. Tinha essa noção e a gente vai fazer esse tipo de cálculo. (Professor Terena J3¹)

O narrador, segundo Benjamin, está entre os sábios. Desse saber nasce o senso prático, que subjaz às narrativas mais interessantes. Sejam contos de fada, epopeias homéricas ou fábulas, todas as grandes narrativas repousam no senso prático ou proverbial das comunidades arcaicas. O gênio inventivo de Ulisses, o calcanhar de Aquiles ou a perigosa vaidade de Narciso, tem sua origem na capacidade humana de superação dos limites impostos pela natureza e, ao mesmo tempo, soa como uma advertência de que a criatura pode se voltar contra o seu criador. De modo que a narrativa épica guarda consigo um dom antigo, o de dar conselhos. Assim Benjamin (2012, p. 216) se refere a esse aspecto da faculdade da narrativa:

¹ Os sujeitos de pesquisa serão identificados pelas iniciais de seus nomes e a ordem em que foram entrevistados.

Ela [a narrativa] traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se ‘dar conselhos’ soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade. [...] O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.

Encontrada em muitos narradores clássicos, a sabedoria, é o que há de mais exemplar no ancião Terena, pois extrai seu saber da experiência prática de resolução dos problemas imediatos, desenvolvendo um “senso prático” a que recorrem todos os narradores, como no caso do *Cubicá*, essa adaptação da agrimensura oficial.

Por razões políticas e ideológicas, a agrimensura nunca nos chega como *Cubicá*, que provavelmente deriva do processo de cubagem das terras Terena para agricultura. Normalmente, o cálculo de área é tido como uma invenção ocidental, principalmente pitagórica. Pouco ou quase nunca é dito que essa invenção é oriental, egípcia e mesopotâmica, proveniente de necessidades ligadas à agricultura, como também é o caso do *Cubicá*. O historiador da matemática, Carl Boyer (1974, p. 10) lembra que “O teorema de Pitágoras, por exemplo, não aparece em forma nenhuma nos documentos egípcios encontrados, mas tabletas até do período babilônico antigo mostram que na Mesopotâmia o teorema era largamente utilizado”. E assim tem se dado com a chamada ciência ocidental, ou seja, são negligenciadas as contribuições dos povos originários nas mais diversas áreas do conhecimento, desprezando-se milenares tradições, como se o conhecimento do mundo começasse com a sociedade burguesa e as chamadas ciências da natureza. Esse é caso do *Cubicá*, que não é apenas uma tradição, mas um exemplo de que os modos de ver o mundo e intervir nele vão muito além do pré-estabelecido nas culturas hegemônicas, principalmente as colonizadoras. Como bem lembrou Benjamin (2012, p. 245) nas *Teses*, “Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie”. E mais: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.” (BENJAMIN, 2012, p. 244). No caso específico aqui, o “privilégio exclusivo” é do Sr. Armando Gabriel, *Xuve* [Tronco Velho] Terena que com mil artes de fazer, parafraseando De Certeau (2014), caça [faz ciência] em terra alheia. Assim, fazer *Cubicá* é erigir um documento de resistência, articulando o passado e presente não somente para represar a cultura Terena, mas para resguardar os

mortos da morte do esquecimento e “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2012, p. 245).

Os ovos da experiência

O tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência (Benjamin, 2012, p. 221)

É, eu convivi muito com ele! Porque as histórias contada ali, de toda manhã. O Terena ele, ele toma o seu mate, né! E ali passava mandioca, a batata em volta da fogueira e transmitia esses conhecimentos, né, da cultura Terena. Hoje é diferente; hoje eu não... assim, não tenho mais aquele ambiente que tinha antigamente. Que você chegar ali e levantar ali e conviver. Que era da cultura bem antiga, da cultura Terena. Hoje em dia, é os familiares Terena, já estão mais distante porque precisa trabalhar. Então não tem aquele momento, aquele encontro. [...] É, hoje nós temos aí, essa dificuldade, porque já não tenho muitos anciões, né, que pode falar. (Professor Terena J2)

Na continuação da frase da epígrafe acima, Benjamin diz que qualquer sussurro nas folhagens assusta o tal *pássaro onírico*, que está pousado no ninho entretecido com atividades ligadas ao tédio, ou seja, aquelas que resguardam ainda um ponta de trabalho e diálogo partilhado, que cria a comunidade dos ouvintes. A passagem inteira é essa:

O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram nas cidades, e também no campo estão em vias de extinção. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. *Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.* (BENJAMIN, 2012, p. 221, grifos nossos).

O que a mônada acima denuncia é justamente a supressão das tradicionais rodas de conversas, regadas ao sabor do *tererê*, e o periclitante ocaso da narração, seja pelo impositivo das relações de trabalho capitalistas solaparem a subsistência Terena, seja porque os “Troncos Velhos” [anciões] estão morrendo sem legar às gerações presentes e futuras a sua sabedoria. Em outra passagem, extraída de Paul Valéry, Benjamin lamenta a fugacidade do tempo e do tédio na modernidade, impactando a capacidade narrativa dos sujeitos e o intercâmbio de experiências genuínas. Diz ele: “O homem de hoje não cultiva mais aquilo que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 2012, p. 223). Aliás, para o homem moderno, o tempo é um inimigo e não um aliado. Isso porque o tempo é dispensado em vivências [*Erlebnis*] isoladas e individuais, não sedimentando aquelas camadas necessárias de observação, descanso e reflexão, que chocam os ovos da

experiência. É nesse sentido que o pássaro revoa e foge assustado. Esse é um tempo contínuo, homogêneo, que segue em linha reta, não importando para onde. O *Tronco Velho Terena* é o oposto desse homem, e por isso, é o narrador por excelência. Ele não apenas conta histórias antigas e tradicionais, ele retira da seiva da sua vida o que contar, como disse Benjamin (20212, p. 221), “como a mão do oleiro na argila do vaso”. É com as mãos que o narrador Terena constrói suas histórias e não somente com a voz. Conta enquanto faz e toma o mate, quando planta, colhe e prepara a mandioca e a batata nas labaredas da fogueira ancestral. E como esse modo de vida artesanal está em decadência, declina também a capacidade narrativa, pois já não há mais palco para o teatro da narração.

Entretanto, os caminhos da narrativa e sua conservação são herméticos e insondáveis. Ao que parece, muitos professores Terena, como os dois aqui representados, foram “fisgados” pelos narradores *Xuve*. Isso porque sem se darem conta, transformaram-se também em narradores, transportando as fogueiras para as salas de aula [roubando de novo o fogo dos deuses], que podem se converter em uma nova *comunidade de ouvintes* e onde possam ser lembradas as façanhas épicas dos Terena, restaurando seu mito fundacional.

Como se conta na comunidade Terena de Cachoeirinha, tais como as civilizações pagãs e a cristã, os Terena tem seu mito fundador, que é narrado mais ou menos assim:

A criação do povo Terena

Havia um homem chamado OrekaYuvakae [em outras traduções Yurikoyuvakái]. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Esse passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco, e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco. Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia. Finalmente ele convidou o sapo para fazer uma apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhada, a partir daí eles começam a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae que estavam com muito frio. (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 22-23)

Assim como Prometeus ou Adão, Yurikoyuvakái surge como herói épico para dar o fogo [conhecimento] aos Terena para acalotá-los do frio, além de lhes ensinar a falar, cultivar a terra e domesticar animais. Variando um pouco das narrativas clássicas de um

deus criador, os Terena são criados por um homem, ou seja, acabam se tornando criações de sim mesmos. Certamente, Giambatista Vico teria gostado dessa narrativa, pois na sua concepção de história está presente a noção de autoprodução humana da vida civil, humanizando deuses e heróis. Diz ele: “Cada nação gentílica contou com o seu Hércules, filho de Júpiter. Varrão, entendidíssimo das coisas das antiguidades, chegou a enumerar quarenta deles.” (VICO, 1974, p. 45). Certamente Varrão não enumerou Yurikoyuvakái, o que é preciso reparar na contação do mundo. Eis, então, a tarefa posta aos Velhos e Novos Troncos Terena: escovar a própria história a contrapelo para novamente “retirá-los todos do buraco”, do grande fosso da historiografia oficial que reiteradamente os tem silenciado.

5 LONGE DE CONCLUIR

Nada mais arredo à hermenêutica benjaminiana do que a conclusão. Bem ao contrário disso, as narrativas depositam sempre sementes por onde passam para frutificarem novos sentidos e novas contações, por sua imanente condição alegórica. Como vimos antes, o prefixo “allo” pressupõe sempre o outro e, por consequência, a tergiversação, a contradição dialógica e dialética. De modo que a alegoria é sempre tributária de novas significações, nunca se podendo esgotar as mediações transcriadoras da linguagem.

Por isso, passamos longe de concluir. Ao contrário, cada imobilização das imagens de pensamento sorvidas na pesquisa poderia resultar em infinitas mônadas, pequenos cacos de história capazes de mobilizar uma vida inteira, a vida dos Terena. Benjamin (2012, p. 240) disse que o dom do narrador é poder contar sua vida, mas “sua dignidade é contá-la inteira”. Vem daí a importância histórica dos *Xuve*, dos velhos narradores Terena, porque mais do que contar histórias, restauram a memória tradicional da sua aldeia e identificam as novas gerações com a sua autocriação, até hoje resiliente e resistente aos atentados das barbáries modernas: as invasões dos portugueses, do exército paraguaio, da estrada de ferro, da FUNAI ou dos fazendeiros que delimitam (extra)oficialmente a aldeia etc.

Com outras tantas *mil artes de fazer*, que caberia em novo ensaio, os Terena têm resistido aos mais diversos tipos de violência, como ocorre ademais com diversas tribos indígenas brasileiras, acossadas pelo garimpo (i)legal, madeireiros depredadores e pela omissão do Estado.

O *Xuve* Terena é a contra-mola que resiste [pela narração] à fragmentação que perigosamente ronda a comunidade, represando em si não somente a tradição, mas a identidade do seu povo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Passagens**. Org. Ed. alemã Rolf Tiedemann; Org. Ed. brasileira Willi Bolle. Minas Gerais: Editora UFMG, 2007.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I, Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Experiência e pobreza. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Sobre o conceito de história. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barrento. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BOYER, C. **História da matemática**. Trad. Elza F. Gomide. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** 2. ed. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 21. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PASTOR, B.; ROBERTS, E. A. **Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española**. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

VENTURA, L. **O voo da fênix**: narrativas de travessias de identidade de egressas da educação a distância. Florianópolis: UDESC, 2019.

VICO, G. **Princípios de (uma) ciência nova**: acerca da natureza comum das nações. São Paulo: Victor Civita, 1974.